

Saúde

DGE • 2018

DESAFIOS DA GESTÃO ESTADUAL



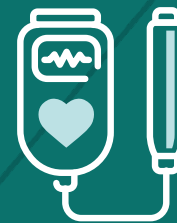
◆ indicadores



**Expectativa
de vida**



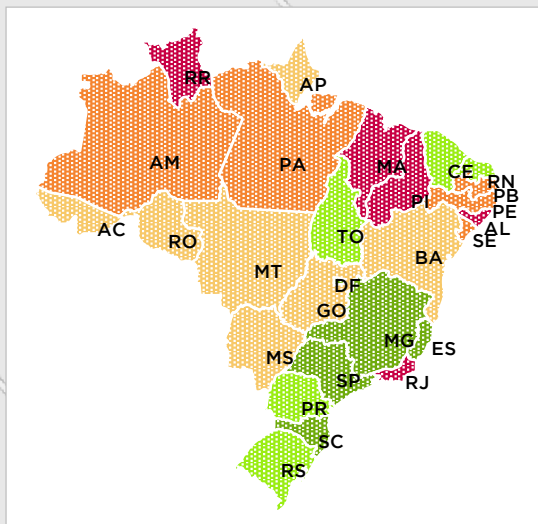
**Mortalidade
infantil**



**Taxa de
mortalidade
prematura por
doenças crônicas
não transmissíveis**

IDGE Saúde

Ranking 2018



Legenda¹:

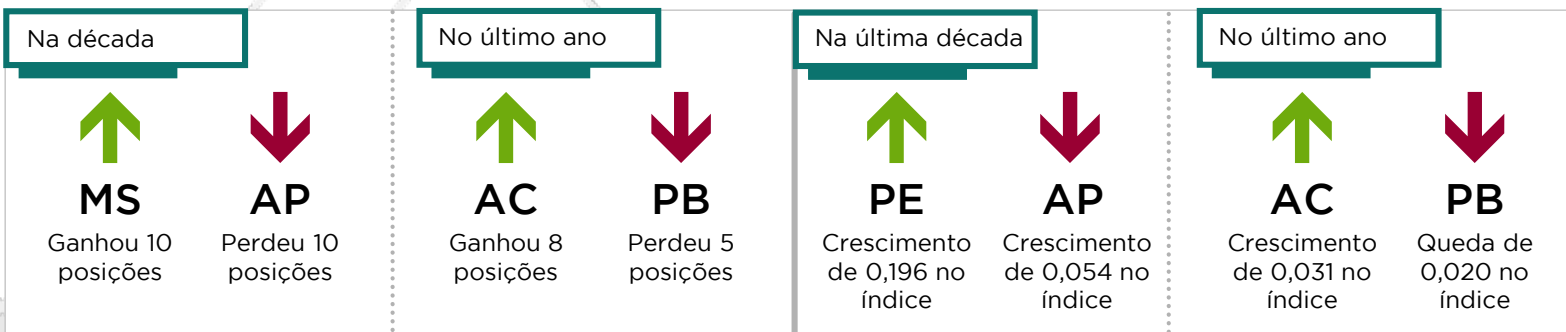
- ≥ 0,806
- ≥ 0,728 e ≤ 0,805
- ≥ 0,616 e ≤ 0,727
- ≥ 0,499 e ≤ 0,615
- ≤ 0,498

Fonte: Macroplan.

Nota: ¹ Os valores da legenda foram definidos dividindo os Estados em 5 grupos no último ano. Esse mesmo intervalo foi aplicado aos anos iniciais e para 2014.

#	UF	IDGE 2018	Δ posições no ano		Δ posições na década	
1º	DF	0,556	—	0	—	0
2º	SC	0,516	—	0	—	0
3º	ES	0,466	—	0	▲	4
4º	MG	0,447	—	0	▲	1
5º	SP	0,439	—	0	▼	-1
6º	PR	0,426	▲	1	▲	4
7º	RN	0,421	▲	1	▼	-4
8º	RS	0,415	▼	-2	▼	1
9º	CE	0,393	—	0	▲	4
10º	TO	0,387	—	0	▲	5
11º	AC	0,371	▲	8	▲	9
11º	MT	0,371	▲	1	▲	1
13º	GO	0,368	▼	-2	▼	-7
14º	MS	0,361	▼	-2	▲	10
15º	RO	0,350	▲	5	▲	1
16º	BA	0,347	—	0	▲	5
17º	AP	0,345	▼	-3	▼	-10
18º	PA	0,341	—	0	▼	-4
19º	AM	0,337	▼	-2	▼	-8
20º	PB	0,336	▼	-5	▼	-2
21º	SE	0,334	▲	2	▲	2
22º	PE	0,314	—	0	▲	4
23º	RJ	0,308	▼	-2	▼	-6
24º	MA	0,290	▲	1	▼	-6
25º	RR	0,279	▼	-1	—	0
25º	AL	0,279	▲	2	▲	2
27º	PI	0,262	▼	-1	▼	-5

MAIORES VARIAÇÕES DE POSIÇÕES NO IDGE



MAIORES VARIAÇÕES DOS INDICADORES



18 UFs do país registraram alta da taxa de mortalidade Infantil em 2016

O Brasil registrou 36.350 óbitos infantis até um ano em 2016. Esse número é 25% inferior ao índice de 2006 e 3,1% inferior ao índice de 2015. Apesar da melhora do indicador, o país ainda não alcançou a taxa de 10 óbitos infantis/mil nascidos, índice considerado aceitável pela OMS.

A trajetória recente preocupa: 18 UFs aumentaram a taxa de mortalidade infantil entre 2015 e 2016. Em metade desse grupo a alta do índice foi gerada pela maior queda do nº de nascidos vivos do que do nº de óbitos infantis. Na outra metade, houve de fato aumento do número de óbitos infantis entre 2015 e 2016.

Na década, o Alagoas se destaca com a maior redução da mortalidade infantil. Entre 2006 e 2016, o número de óbitos infantis caiu 44% e o de nascidos vivos, 16%. **Veja com mais detalhes o caso do AL no capítulo de boas práticas.**

A fase neonatal precoce representa mais da metade dos óbitos infantis em todas as UF, com exceção do Acre, onde a fase pós-neonatal (28 a 364 dias) representa 46% dos óbitos infantis do estado. Metade dos óbitos infantis ocorridos na fase neonatal precoce seriam evitados por uma adequada atenção à mulher na gestação.

Apesar dos avanços na última década, as projeções para 2022 indicam que a maioria dos estados (20) ainda terá em 2022, seguindo a trajetória passada, níveis acima de 10 óbitos infantis até 1 ano por mil nascidos vivos.

Desafio

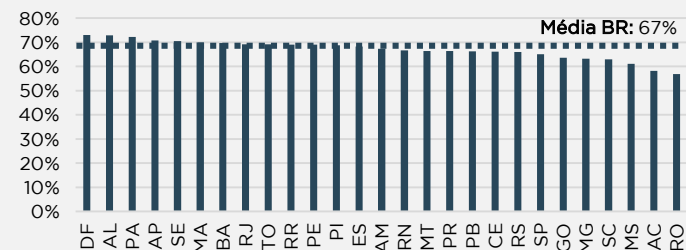
Zerar os óbitos infantis por causas evitáveis

De acordo com a meta dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, as mortes infantis evitáveis devem ser zeradas até 2030.

Em 2016, dois terços dos óbitos infantis ocorridos no país foram por causas evitáveis. Foram 24.373 óbitos infantis que ocorreram por causas que poderiam ter sido evitadas se houvessem uma adequada atenção à mulher na gestação (40%), ao recém nascido (27%) ou à mulher no parto (15%).

Entre as UFs, 73% dos óbitos infantis ocorridos no DF foram por causas evitáveis, maior percentual do país, e em RO o índice atingiu 57% em 2016, menor percentual do país.

PERCENTUAL DE ÓBITOS INFANTIS EVITÁVEIS
2016



Fonte: Macroplan a partir dos dados do DataSUS

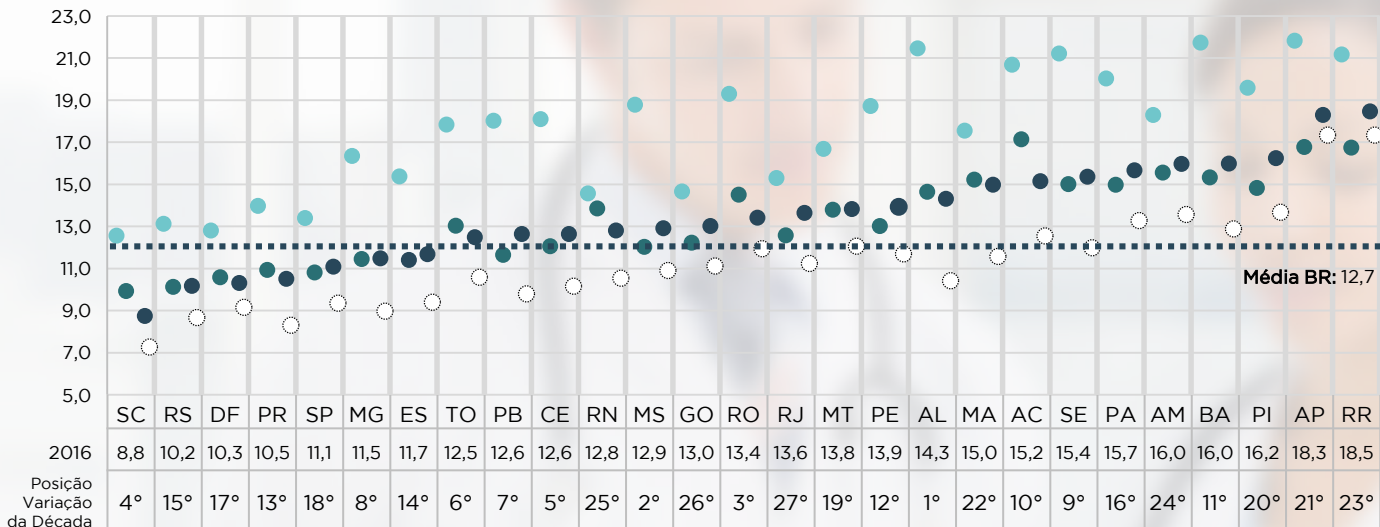


Taxa de Mortalidade Infantil

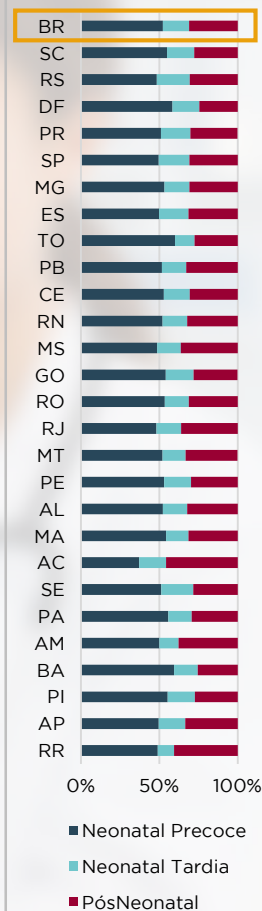
TAXA DE MORTALIDADE INFANTIL

Óbitos infantis por mil nascidos vivos

● 2006 ● 2015 ● 2016 ○ 2022

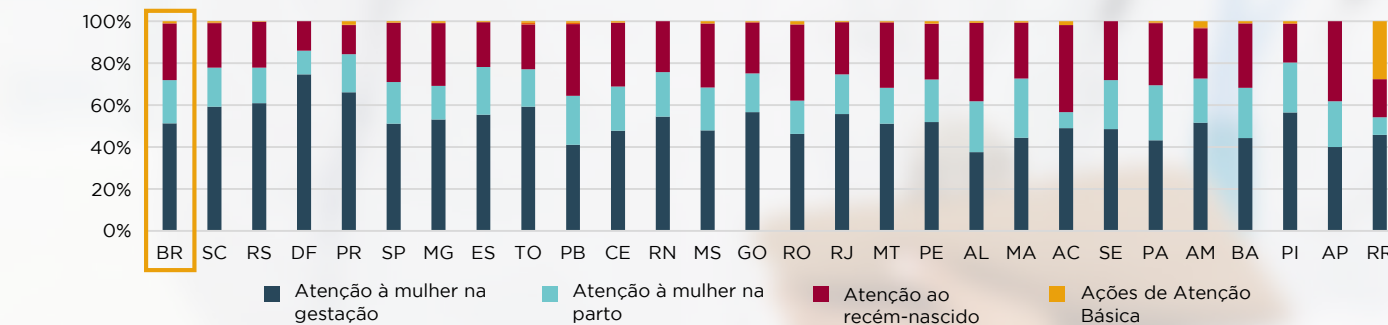


FASE DO ÓBITO INFANTIL - 2016



ÓBITOS EVITÁVEIS - FASE NEONATAL PRECOCE

2016



Fonte: Macroplan a partir dos dados do DataSUS.

Nota: Os óbitos infantis que ocorrem entre 0 e 6 dias de vida da criança são chamados de Neonatal Precoce; Entre 7 e 27 dias, Neonatal Tardia; e entre 28 e 364 dias, Pós-Neonatal.



Expectativa de vida avança nas UF mas ainda está distante da média dos países da OCDE

Em média, um brasileiro vive 76 anos, segundo os dados do IBGE. Porém, dependendo da UF de nascimento esse número pode ser de 79,4 anos, como é o caso de Santa Catarina, ou 70,9 anos, no caso do Maranhão. Isto é, a expectativa de vida chega a variar 8,5 anos entre as 27 UFs.

O Brasil vem avançando no indicador, entre 2007 e 2017 a expectativa de vida aumentou 3,2 anos, atingindo níveis similares a Argentina. Considerando as projeções populacionais do IBGE, o país alcançará o índice atual do Uruguai em 2022. Porém, o país ainda estará longe do Chile, melhor índice da América do Sul.

Considerando os estados, em 2022, apenas SC alcançará a expectativa de vida ao nascer da média dos países da OCDE (80 anos) e o ES chegará no índice atual do Chile.

Expectativa de Vida

#	UF	2017	Δ (2016 - 2017) Em anos	Δ (2006 - 2017) Em anos	Projeção 2022
1	SC	79,4	0,3	3,7	80,7
2	ES	78,5	0,3	4,0	79,8
3	DF	78,4	0,3	3,1	79,5
4	SP	78,4	0,3	3,5	79,5
5	RS	78,0	0,3	3,0	79,3
6	MG	77,5	0,3	3,0	78,6
7	PR	77,4	0,3	3,3	78,7
8	RJ	76,5	0,3	3,4	77,8
9	RN	76,0	0,2	2,9	76,9
10	MS	75,8	0,3	3,0	77,0
11	MT	74,5	0,2	2,7	75,6
12	GO	74,3	0,2	1,8	75,1
13	PE	74,3	0,4	4,8	75,9
14	AC	74,2	0,3	4,0	75,6
15	AP	74,2	0,3	3,2	75,3
16	CE	74,1	0,2	2,5	75,1
17	BA	73,7	0,2	2,7	74,8
18	TO	73,7	0,3	3,2	74,8
19	PB	73,5	0,3	3,4	74,9
20	SE	72,9	0,3	2,8	74,1
21	PA	72,3	0,2	2,1	73,2
22	AM	72,1	0,2	2,6	73,2
23	AL	72,0	0,4	4,2	73,6
24	RR	71,8	0,3	3,5	73,2
25	RO	71,5	0,2	2,1	72,4
26	PI	71,2	0,2	1,9	72,1
27	MA	70,9	0,3	3,1	72,2
-	BR	76,0	0,3	3,2	77,2

Média Brasil 2017

76 ANOS



Equivalente a Argentina

Projeção Brasil 2022

77,2 ANOS



Equivalente ao Uruguai

Melhor da América do Sul

79,7 ANOS



Chile

Fonte: Macroplan a partir dos dados do IBGE. Referência internacional disponível em: <http://hdr.undp.org/en/data#> - Human Development Reports (UNDP) - Life Expectancy at birth



Taxa de óbitos prematuros por Doenças Crônicas Não Transmissíveis

#	UF	2017	Δ (2015 - 2016)	Δ (2006 - 2016)
1	DF	193,8	-5,36%	-27,2%
2	AP	208,2	0,61%	49,5%
3	AM	211,4	1,63%	14,4%
4	PA	215,9	-3,18%	9,4%
5	RO	226,6	1,68%	1,2%
6	RR	229,6	-2,14%	-10,6%
7	AC	233,3	2,06%	-7,0%
8	BA	235,9	-1,09%	-9,8%
9	SE	243,4	-6,04%	-5,3%
10	TO	247,4	0,49%	-2,7%
11	CE	247,5	-0,83%	-5,1%
12	RN	254,0	0,16%	3,1%
13	MA	254,4	-1,45%	7,4%
14	MT	261,6	0,09%	-4,9%
15	PI	275,4	-1,48%	4,0%
16	GO	276,9	-0,76%	-4,8%
17	ES	279,1	2,65%	-15,3%
18	MG	281,5	3,72%	-6,3%
19	SC	290,6	4,09%	2,5%
20	PB	301,8	4,28%	7,3%
21	AL	305,2	1,83%	8,5%
22	SP	317,5	0,73%	-4,1%
23	MS	320,0	-0,71%	-13,7%
24	PR	321,4	2,24%	-9,5%
25	PE	323,3	1,13%	-10,8%
26	RS	354,2	3,71%	-8,3%
27	RJ	385,1	2,60%	-0,3%
-	BR	296,0	1,17%	-5,2%

Fonte: Macroplan a partir dos dados do DataSUS

56% das mortes na população entre 30 e 69 anos são por Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT)

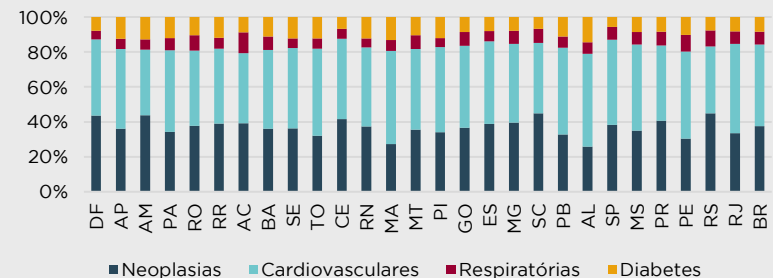
Em 2016, o país registrou 527,1 mil óbitos na população entre 30 e 69. Destes, 56% (ou 301,4 mil) foram óbitos por DCNT. Esse número equivale à uma taxa de 296 óbitos por 100 mil habitantes na mesma faixa etária.

Entre os óbitos por DCNT 84% são por Neoplasias ou Doenças Cardiovasculares. Entre as UFs, essas também são as principais causas de óbitos por DCNT.

Na última década, 10 UFs tiveram aumento no índice, destaque negativo para o AP, que, apesar de possuir a segunda menor taxa do país, o índice avançou 49,5%. O DF foi quem mais reduziu o índice no período chegando a 193,8 óbitos por 100 mil habitantes entre 30 e 69 anos.

PARTICIPAÇÃO DAS DCNT NO TOTAL DE ÓBITOS PREMATUROS - 2016

Neoplasias, doenças cardiovasculares, respiratórias e diabetes



ACESSE A SÉRIE DESAFIOS DA GESTÃO:
www.desafiosdosestados.com.br
www.desafiosdosmunicipios.com.br

REALIZAÇÃO

MacroPlan

Rua Visconde de Pirajá, 351, sala 718

Ipanema, Rio de Janeiro/ RJ

CEP: 22.410-906

(21) 2287-3293

macroplan@macroplan.com.br

www.macroplan.com.br

PARCEIROS DO DGE

